Quando a dependência química gera **violência**

Grupo de pesquisa visita cadeias e unidades socioeducativas atrás de uma resposta para a relação entre o uso de drogas e a criminalidade

Vinicius Zepeda

O tema das drogas e da violência vem mobilizando, de forma crescente, especialistas e autoridades ligadas à Segurança e à Saúde públicas no País. Um levantamento realizado, em 2009, pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen), órgão ligado ao Ministério da Justiça, aponta o tráfico de entorpecentes como o crime responsável pelo maior número de prisões – 86 mil – no País no ano passado. Analistas identificam que o incremento das atividades ligadas ao tráfico pode ter relação direta com o rápido crescimento do número de mulheres presas em todo o Brasil ao longo dos últimos anos – ocorrido em ritmo duas vezes superior com relação ao de homens, ainda que o número total de mulheres detidas ainda seja pouco significativo quando comparado ao de prisioneiros do sexo masculino.

O aumento da demanda por mão de obra no tráfico, apontam os estudiosos, tem atraído as mulheres para a atividade, com frequência por sugestão de seus companheiros e, não raro, para ocupar função no transporte – o chamado 'avião do tráfico'. Na área acadêmica, grupos de pesquisa têm se dedicado ao estudo do tema a fim de contribuir para o planejamento e execução de projetos entre gestores de políticas públicas. Exemplo dessas iniciativas é um estudo sobre o consumo de drogas entre jovens de 16 a 25 anos em prisões e unidades socioeducativas no Estado do Rio de Janeiro, realizado nas Faculdades Integradas Helio Alonso (Facha). "Queremos contribuir para a discussão sobre a relação entre o consumo de drogas e a criminalidade juvenil na sociedade brasileira", afirma o historiador Oswaldo Munteal, coordenador do estudo, ao lado da professora de Direito Maria Paulina Gomes.

Contemplado com recursos do edital *Prioridade Rio*, da FAPERJ, o projeto, que recebeu o título de "Prisioneiros das Drogas – Impactos da Dependência Química sobre a Juventude Brasileira", teve início no mês de março e conta com uma equipe multidisciplinar, composta por professores e alunos de Direito, Turismo e comunicação da Facha, médicos, especialistas e conselheiros em dependência química, do delegado Orlando Zaccone, pessoas ligadas a organizações não governamentais (ONGs) e outros colaboradores.

A partir de questionários aplicados aos jovens dependentes químicos que cometeram delitos passíveis de punição penal, a equipe vem identificando características da realidade socioeconômica desses jovens: sua origem social, formação escolar e inserção no mercado trabalho. Com esses dados, os pesquisadores pretendem analisar a relação entre dependência química e entrada na criminalidade, e identificar os tipos de delitos cometidos a fim de verificar se o consumo de determinadas drogas pode estar ligado à prática de crimes específicos. "Com base nos dados obtidos nessas entrevistas e por meio da articulação de todos os envolvidos em nosso trabalho, procuramos auxiliar na formulação de políticas públicas que ajudem a minimizar os efeitos nefastos causados pelo uso das drogas", explica Munteal.

Crescem delitos relacionados ao tráfico

Livros de História elaborados após consulta a documentos oficiais emitidos pela ainda jovem República mostram que, no início do século XX, as causas mais frequentes de prisão relacionavam-se à ordem pública, como vadiagem, desordem e embriaguez. Um quadro bem diferente daquele revelado a partir dos anos de 1980, quando já se constatava um importante crescimento do número de delitos ligados ao tráfico e uso de drogas. "Em 1985, eles foram responsáveis por três vezes mais condenações do que nos anos de 1960, especialmente entre jovens de 16 a

25 anos, nas regiões metropolitanas do País", afirma Munteal.

Para Maria Paulina, o projeto teve impacto positivo sobre seus alunos no curso de Direito. "Os alunos que participam dessa iniciativa perguntam muito sobre o trabalho e mesmo os que não participam diretamente da equipe têm procurado pesquisar por conta própria o assunto e nos enviam regularmente notícias que saem na mídia sobre o tema", conta. *Prisioneiro das Drogas* é o primeiro trabalho multidisciplinar desenvolvido por pesquisadores da Facha que conta com apoio de uma agência de fomento à pesquisa. "Graças a esse trabalho, a diretora da Facha encampou a ideia de utilizarmos a *expertise* adquirida para desenvolvermos um centro de pesquisas, a fim de estudarmos outros temas com potencial para receber apoio das agências de fomento à pesquisa", complementa.

Inicialmente, o estudo previa a escolha de uma unidade carcerária para a realização de uma centena de entrevistas. Contudo, com a ajuda de 16 bolsistas e de voluntários, o questionário, com 60 perguntas, foi aplicado a mais de 500 internos em carceragens e unidades socioeducativas para menores de todo o Estado. "Agora que saímos das carceragens da Polinter [Delegacia de Polícia Interestadual], vamos estender o estudo a todo o complexo penitenciário de Bangu", explica Munteal.

De acordo com dados preliminares levantados pelo historiador e sua equipe, cerca de 80% dos presos consomem drogas nas carceragens, quase sempre superlotadas, onde não faltam, em alto índice, problemas dermatológicos, tuberculose e doen-

Foto: *Stock Photo*/Sergej Nawalnew

Equipe multidisciplinar investiga o impacto da dependência química sobre a juventude brasileira

Foto: Camila Camacho

O pesquisador Oswaldo Munteal orienta alunos que participam do projeto: estudantes já entrevistaram mais de 600 jovens nas unidades socioeducativas e carcerárias do Estado

ças sexualmente transmissíveis (DSTs). "Vale destacar que cerca de dois terços dos internos entrevistados, ao serem presos pela primeira vez por posse de drogas ou tráfico, ainda não haviam cometido crime com uso de armas de fogo", ressalta o pesquisador. Para Munteal, um dos pontos a ser investigado é justamente em que momento a entrada do usuário de drogas no mundo do crime passa a ser associada à violência.

Projeto disponibiliza dados na Internet

No mês de agosto, um seminário na Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (Emerj), com apoio da FAPERJ e do Núcleo de Controle de Presos da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro (Nucop/Polinter), apresentou os resultados preliminares do projeto, que tem duração prevista de dois anos. O evento, que contou com a presença de professores, estudantes universitários, especialistas em dependência química, representantes dos governos estadual e municipal, das polícias Civil e Militar, de ONGs e de associações de moradores de favelas, também marcou o lançamento de um *site* com informações sobre o projeto, que pode ser acessado em <http://www.prisioneirosdas drogas.org.br>. "O evento superou todas as expectativas. Até o delegado Orlando Zaccone, chefe da Polinter, se prontificou a facilitar o acesso de nossa equipe às carceragens do Estado", comemora Munteal.

No mês seguinte, em setembro, o projeto avançou em novas direções ao coordenar a implantação, dentro das dependências da Facha, de um Centro de Assistência Jurídica para auxiliar dependentes químicos que enfrentam problemas com a Justiça. Com atendimento gratuito, o espaço, sob a responsabilidade do advogado Marcela Turra, vem atendendo, principalmente, populações carentes que moram nas cercanias da instituição. "Estamos orientando apenas os que nos pedem ajuda. Mas a partir de março de 2011, teremos quatro advogados trabalhando nas áreas civil, penal, trabalhista e da família para orientar aqueles que tiveram problemas com drogas e ainda têm pendências com a Justiça", diz Turra. "As possibilidades de atendimento são múltiplas e vão desde a concessão de visitas íntimas a heterossexuais e homossexuais que possuem o direito, mas que não lhes foi dado, até orientar sobre direitos previdenciários da família do preso, redução de pena etc.", esclarece.

Em outra frente, os bolsistas têm ajudado na elaboração de uma campanha publicitária voltada a alertar os jovens sobre o uso de drogas. "Estamos terminando a produção de uma cartilha sobre o assunto, que será distribuída em escolas públicas e particulares do Estado", adianta Munteal. De caráter didático, a cartilha irá responder às dúvidas mais frequentes sobre tipos de drogas, tais como: quem procurar, como se defender, como argumentar e quais as autoridades responsáveis, além de mapear, por macrorregiões, as áreas de maior e menor tráfico, e o consumo de drogas.

Um fato marcante vivenciado por Oswaldo Munteal aconteceu durante suas visitas a unidades carcerárias. O historiador teve a triste coincidência de encontrar dois ex-alunos. Um deles, viciado em *crack*, antes mesmo de completar 21 anos já havia sido autuado por porte de droga seguido de assalto à mão armada. O outro, de 25 anos, estava preso por associação ao tráfico. "Lembro que enquanto um deles vivia sumindo das aulas, o outro parecia perfeitamente dentro da normalidade", diz, com pesar. Para ele, o problema das drogas deve ser enfrentado de frente por toda a sociedade, não somente com repressão policial, mas também com a participação de especialistas, autoridades de saúde pública e das universidades – que, muitas vezes, fazem vista grossa ao consumo nos *campi* . "É claro que, com tantas drogas novas surgindo a todo momento, não há especialistas suficientes para investigar tudo. Porém, polícia, ONGs, professores universitários e especialistas têm um papel importante e precisam agir em conjunto, contribuindo para promover ações sociais que visem prevenir o consumo de drogas na juventude", defende Munteal. ■

Pesquisadores: Oswaldo Munteal, Maria Paulina Gomes e Marcelo Turra
Instituição: Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha)